

2016
2015

ANUÁRIO 2015/16

2015: ANO BOM OU RUIM?

Por Renata Pozelli Sabio, Larissa Gui Pagliuca, Letícia Julião, João Paulo Bernardes Deleo e Margarete Boteon

Qualificar o ano de 2015 como bom ou ruim é um desafio para os hortifruticultores. Os preços se mantiveram, em linhas gerais, em bons níveis comparativamente à série histórica do Projeto Hortifruti/Cepea. Apesar disso, vários fatores pressionaram a rentabilidade em 2015. O principal foi um aumento generalizado dos insumos devido à disparada do dólar – fertilizantes, defensivos e sementes, por exemplo, se tornaram mais caros – num contexto em que não é possível o repasse integral dessas altas. O consumidor brasileiro está receoso em ampliar suas compras e seletivo ao adquirir produtos de alto valor agregado. A queda da atividade econômica brasileira tem agravado o desemprego e o endividamento das famílias, limitando bastante os gastos dos consumidores.

A margem dos produtores também tem sido afetada pela queda da produtividade; em

alguns casos, a receita não cobre nem os gastos com insumos usados diretamente na safra. Em 2015, os principais impactos foram causados pelo excesso de chuvas no Sul e pela forte estiagem no Nordeste.

O crédito escasso e mais caro também limitou investimentos em 2015. Os bancos estão muito seletivos, e os que conseguem captar dinheiro pagam juros mais elevados. A alternativa tem sido o financiamento direto das revendas, mas que também estão cautelosas e cobram juros ainda mais elevados.

Por outro lado, o mercado externo se mostrou favorável e deve fechar com boa receita em 2015. De qualquer forma, exportadores afirmam que os resultados financeiros poderiam ser melhores se a produtividade e a qualidade das lavouras não tivessem sido prejudicadas pelo clima adverso.

O QUE ESPERAR PARA 2016?

Em 2016, é provável que se tenha “mais do mesmo”. A expectativa é que os produtores limitem seus investimentos devido às quatro “crises” já vivenciadas em 2015: hídrica, cambial, crédito para custeio/investimento e de consumo.

O fenômeno *El Niño* (veja comentário na página 16) ainda deve impactar o volume e a qualidade da produção, pelo menos na temporada de inverno. O dólar não deve ter forte recuo. Ao contrário, o Boletim Focus (de 04 de dezembro de 2015) do Banco Central sinaliza R\$ 4,20 para a moeda norte-americana no final de 2016. Esse patamar é favorável às exportações, à medida que torna o produto brasileiro mais competitivo, mas, como já discutido no *Especial Frutas* (edição de novembro, número 151), o crescimento sustentável das vendas brasileiras depende de outros fatores além da moeda norte-americana.

O dólar em alta acarreta, ao mesmo tempo, insumos mais caros, e isso num contexto de crédito caro e

escasso. Os insumos foram reajustados em 2015, mas parte das compras dos produtores já tinha sido feita antes daqueles aumentos, amenizando o impacto sobre a contabilidade do produtor. Em 2016, no entanto, as safras já começam com insumos mais caros.

A queda da atividade econômica brasileira (PIB) tem estreita relação com o consumo dos brasileiros, e o ritmo decrescente devem persistir em 2016. Há alguns meses, já se observa que consumidores estão trocando produtos de maior valor agregado (industrializados, minimamente processados) e de alto valor por similares mais baratos. E essa tendência deve se acentuar em 2016.

Apesar das várias adversidades que o setor deve enfrentar, há também oportunidades, especialmente porque não há perspectiva de excesso de oferta que pressione os valores do hortifruti. De qualquer forma, em anos de incerteza como será o próximo, é recomendável cautela quanto à ampliação dos investimentos.

E em 2016 crescerá ainda mais,
de nordeste a sul, sudeste a centro-oeste, com
soluções em tomates híbridos para todo o Brasil.

Fineco



www.blueseeds.com.br

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110
Jardim Holanda • Holambra/SP
Tel: +55 (19) 3802.2588

Blueseeds

2016
2015

CENÁRIO ECONÔMICO CONTINUA CRÍTICO EM 2016

Variável	2012	2013	2014	2015	2016
PIB Total (%)	1,80%	2,70%	0,10%	-3,50%	-2,31%
TAXA DE JUROS (Selic) (% aa) - dez	7,25%	10,00%	11,75%	14,25%	14,25%
INFLAÇÃO (IPCA -% a.a.)	5,70%	5,74%	6,39%	10,44%	6,70%
CÂMBIO (R\$/US\$) - dez	2,08	2,34	2,65	3,95	4,20

Fonte: Boletim Focus/Banco Central (04/12/2015).

ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS
RECUA 1,2% EM 2015

As estimativas da equipe Hortifruti/Cepea sobre a área cultivada baseiam-se em levantamentos amostrais, feitos a partir de contato direto com agentes das principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo projeto Hortifruti/Cepea. O resultado dessas pesquisas indica que a área cultivada com hortaliças em 2015 foi 1,2% menor que a cultivada em 2014.

HORTALIÇAS: Estima-se ligeiro recuo de 0,47% na área em 2015 (incluindo verão 15/16) frente a 2014, mesmo tendo havido elevação dos investimentos na cebolicultura, motivados pelos altos preços ao longo de quase todo o ano – foram recordes em vários momentos. Para tomate de mesa, calcula-se diminuição da área nas safras de verão, inverno e anual, por conta, principalmente, da falta de água que persiste na região. Em relação ao tomate industrial, também se estima que tenha havido recuo nos investimentos em 2015, devido aos estoques elevados das indústrias de atomatados. Para a batata, houve ligeira recuperação da área cultivada na safra das secas. Porém, o cultivo na temporada de inverno e também na das águas foi menor – no inverno, uma área relativamente extensa em Vargem do Sul (SP) e em Cristalina (GO) não germinou a contento. Na safra das águas, a redução de área ocorreu nas lavouras de sequeiro em Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Com relação à cenoura, houve aumento de área no Rio Grande do Sul, mas em Goiás e na Bahia a área fecha com recuo nos investimentos. No balanço, o ano deve fechar com queda nos investimentos. Para folhosas, a estimativa é que a área cultivada em 2015 tenha se mantido estável nas regiões de São Paulo e Minas Gerais.

FRUTAS: A área de 2015 deve fechar com redução de 1,9%, frente 2014. No caso do mamão é esperado recuo no Rio Grande do Norte, por conta da estiagem prolongada que levou à falta de água para irrigação, e no Oeste da Bahia, onde problemas com mão de obra ainda desanimam produtores. Para uva de mesa, estima-se redução em Marialva (PR), após consecutivas safras de baixa rentabilidade. Em melão, a área foi menor na safra 2015 (colheita de abril-julho) no Vale do São Francisco, tendo em vista que produtores estão mais receosos com a concorrência com o RN/CE e também devido à baixa vazão do rio São Francisco. Na safra 2015/16 do RN/CE, deve haver nova diminuição da área também por falta de água para irrigação. Para banana, a área recua no Rio Grande do Norte e no Norte de Minas Gerais e o motivo é, novamente, a limitação da água para irrigação. Quanto à maçã, a área se manteve estável este ano em 2015, havendo apenas renovação de áreas erradicadas. A manga é a única fruta que deve fechar o ano com leve aumento no estado de São Paulo.

ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS EM 2014 E 2015

Produto	2014*	2015**	Var % (15/14)
TOMATE	39.929	37.273	-6,7%
BATATA	101.372	99.250	-2,1%
CEBOLA	42.160	46.046	9,2%
CENOURA	15.749	15.527	-1,4%
FOLHOSAS	38.305	38.305	0,0%
MANGA	49.725	49.749	0,0%
MELÃO	14.350	13.015	-9,3%
MELANCIA	38.136	36.488	-4,3%
MAMÃO	14.000	13.465	-3,8%
MAÇÃ	32.586	32.586	0,0%
BANANA	80.513	79.418	-1,4%
UVA	24.894	24.694	-0,8%
TOTAL	491.719	485.815	-1,2%
ÁREA POR GRUPO	2014	2015	Var % (15/14)
HORTALIÇAS	237.515,00	236.401,00	-0,47%
FRUTAS	254.204,00	249.414,10	-1,88%

Obs: As estimativas de produção da equipe Hortifruti/Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir do contato com agentes do setor nas principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea.

* 2014: Considera-se a temporada de verão 2014/15.

** 2015: considera-se a temporada de verão 2015/16.

MANGA É DESTAQUE NAS EXPORTAÇÕES PELO 2º ANO CONSECUTIVO

As exportações de frutas frescas em 2015 estão melhores que as de 2014, tendo em vista a valorização do dólar frente ao Real. De janeiro a novembro, os embarques de frutas frescas somaram US\$ 593 milhões, aumento de 4,15% frente ao mesmo período do ano anterior, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Para frutas de alto valor agregado, a exportação foi uma importante saída, diante da retração do consumo no mercado doméstico.

Manga continua em destaque quando o assunto é comércio exterior. Pelo segundo ano consecutivo, deve ser a fruta mais exportada pelo Brasil (em receita). Em 2014, foram R\$ 396 milhões e, de janeiro a novembro/15, R\$ 604 milhões. Isso se deve, sobretudo, à quebra de safra em países concorrentes, como Peru e Equador, que enviaram menos fruta ao mercado europeu. Além disso, os Estados Unidos liberaram a entrada de frutas de menor calibre. O aumento em 2015, contudo, poderia ser maior caso não houvesse problemas na Bahia e no Vale do São Francisco, causados pela seca, e quebra de safra em São Paulo, devido ao excesso de chuva. Maçã e uva se recuperaram frente ao ano anterior, quando os envios recuaram substancialmente. A recuperação da uva, no entanto, ainda é limitada pela

falta de água. Para 2016, o cenário estimado por enquanto é de manutenção dos embarques no nível alcançado em 2015, com possibilidade de aumento (sobretudo para melão, melancia, uva e manga) caso diminua o déficit hídrico no Nordeste.

As perspectivas de dólar valorizado para o próximo ano também podem estimular os envios. Por outro lado, a crise hídrica deste ano no Nordeste pode limitar a qualidade das frutas colhidas no início do próximo, inviabilizando expressiva alta nos envios. O avanço das exportações de maçã também pode esbarrar na qualidade e volume das frutas, prejudicados por chuvas e granizo de setembro/outubro. Também por influência do dólar e das dificuldades financeiras do consumidor brasileiro, as importações recuaram em 2015 – até novembro, foram gastos US\$ 367 milhões com frutas frescas, queda de 2,4% frente a 2014. As importações mais impactadas foram de maçã e uva, que tiveram aumentos expressivos em 2014. As compras de pera também diminuíram bastante, em função ainda do embargo imposto à fruta da Argentina que apresentou uma praga quarentenária em carregamentos que chegaram ao Brasil. Para 2016, por enquanto, as projeções são de estabilidade ou mesmo redução das importações.

2016
2015

EL NIÑO DEVE INFLUENCIAR CLIMA PELO MENOS ATÉ O FIM DO VERÃO 2015-2016

O *El Niño*, principal responsável pelo clima atípico de 2015, deve continuar influenciando as chuvas e as temperaturas no Brasil pelo menos até o final do verão 2015/16 (meados de março), de acordo com informações da Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera dos Estados Unidos (NOAA). Considera-se a ocorrência do fenômeno quando as águas do Pacífico ultrapassam em 0,5°C a média histórica por um período de quatro meses consecutivos. Neste final de 2015, no entanto, a temperatura da Superfície do Mar excede em até 3°C os valores médios históricos.

Dessa forma, o atual fenômeno é um dos mais fortes já registrados. No Brasil, os efeitos são verificados de maneira mais expressiva nos extremos, com seca nas regiões Norte e Nordeste e muita chuva no Sul.

Tanto a seca no Nordeste quanto as chuvas no Sul afetaram a produção de frutas e hortaliças em 2015 e devem continuar influenciando em 2016. No caso da manga, na Bahia, no Vale do São Francisco e até mesmo no Norte de Minas, o calor e a baixa disponibilidade de água prejudicaram o desenvolvimento dos frutos, reduzindo a produtividade dos pomares. Viticultores do Vale estão receosos com a possível redução na vazão da água para irrigação, o que pode impactar na produtividade da safra 2016 e até mesmo nas exportações. Quanto ao melão, no RN/CE, a falta de água já levou à diminuição da área em 2015. No Rio Grande do Norte, a seca causou a redução também da área de mamão, situação que pode se agravar caso a seca piore na região de Mossoró/Baraúna em 2016.

A falta de água pode também dificultar a manutenção da área prevista para as culturas da batata, cenoura e tomate na Bahia no primeiro semestre de 2016, podendo resultar em queda nos investimentos. Produtores de cebola no Vale do São Francisco já cultivaram menos em 2015 e podem reduzir ainda mais a área se as chuvas não se regularizarem.

Noutro lado do País, no Sul, as precipitações muito acima da média desde setembro e a ocorrência de granizo limitaram a produção de maçã para a safra 2015/16 no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, uma vez que a floração e a polinização foram prejudicadas. No Norte de Santa Catarina, a produtividade dos bananais foi prejudicada, além das atividades de campo, com risco de deslizamentos. As chuvas impactam negativamente também na produção de uva de mesa, tanto neste final de ano como no primeiro semestre de 2016 no norte do Paraná, além da safra gaúcha 2015/16 de uva industrial, mantendo a oferta baixa e a qualidade insatisfatória.

Para a cebola, mais um ano chuvoso no Sul prejudica a safra de verão 2015/16 e os ganhos de área estimados terão pouco efeito para o aumento da oferta, já que a produtividade deve ficar abaixo do normal. Além disso, a qualidade também deve ser



Prof. Dra. Margarete Boteon
é editora científica da **Hortifruti Brasil**.



João Paulo Bernardes Deleo e Renata Pozelli Sabio
são editores econômicos de **hortaliças**.



Letícia Julião (esq.) e Larissa Gui Pagliuca
são editoras econômicas de **frutas**.

bastante prejudicada, além do que o período de armazenamento dos bulbos se torna menor. No caso da batata, no Rio Grande do Sul e em Água Doce (SC), produtores podem não alcançar toda a área estimada inicialmente para a temporada 2015/16, caso as chuvas persistam. O plantio de cenoura no Rio Grande do Sul e Paraná e o de tomate no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina para a safra de verão 2015/16, podem ser dificultados pelas chuvas, bem como o desenvolvimento das plantas, impactando na oferta desses produtos ao longo da temporada de verão. ■

A photograph of a person's arm and hand holding a bunch of fresh, orange carrots with green tops. The person is wearing a white shirt and blue jeans. The background is a lush green field of carrot plants under a bright sky.

Para ter bons resultados,
a parceria tem que ser
produtiva e de qualidade.

A Seminis oferece aos produtores uma grande variedade de sementes com alto potencial produtivo, que resultam em produtos saborosos e nutritivos para os consumidores. Parceria só é boa assim, quando todos são beneficiados.